

## Modernidade/Pós-Modernidade: Traços na Obra de Waly Salomão

*Paulo Henrique da Silva Santos<sup>1</sup>*

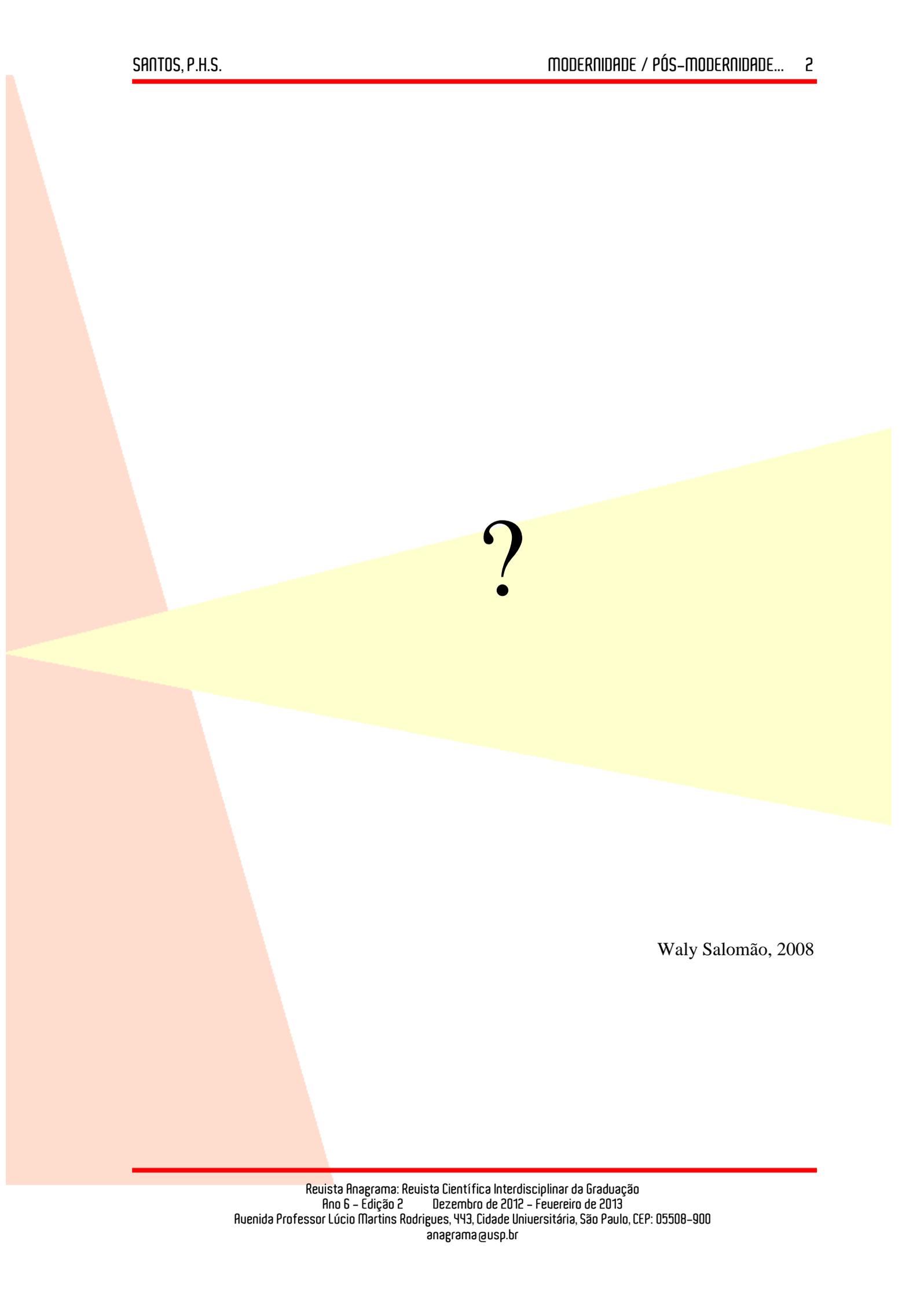
### Resumo

Este artigo identifica as marcas e características da Modernidade e da Pós-Modernidade na obra do poeta baiano e tropicalista Waly Salomão a partir da análise do poema “?” do livro “Lábia” lançado em 1998 pela editora Rocco. Para tanto, utiliza alguns conceitos teóricos sobre o Moderno, o Pós-Moderno e suas implicações na sociedade e na literatura, o signo pelo viés da Semiótica e algumas considerações de estudiosos sobre Waly Salomão, da sua biografia e suas obras. Analisa o dialogismo entre a obra do poeta que traz muito da sua personalidade forte e intrigante, sempre quebrando paradigmas, e o contexto (ações) da Modernidade/Pós-Modernidade. Conclui que a obra Walyniana é semanticamente inesgotável e, de tanto absorver as características, ele se tornou um exímio signo do seu tempo.

**Palavras-chave:** *Modernidade; Pós-Modernidade; Waly Salomão; Semiótica.*

---

<sup>1</sup> Paulo Henrique da S. Santos é graduando do VII semestre de Letras Vernáculas da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Membro do Grupo de Estudo de Teorias e Análise do Discurso (GETED), colaborador do Projeto Nacional de Incentivo à Leitura – PROLER Comitê Jequié, poeta, contista e bloguista.



?

Waly Salomão, 2008

## Introdução: Marcas do Moderno/Pós-Moderno em Waly Salomão

Este presente artigo pretende identificar os elementos e/ou características peculiares da época contemporânea na produção poética do irreverente poeta jequiense Waly Salomão, com fundamentos em estudos teóricos sobre a Modernidade e a Pós-Modernidade, e fazendo uma observação crítica/analítica da obra desse grande poeta, mais especificamente no poema “?” que, a princípio, pode não ser muito expressivo, mas, se analisado com acuidade e sensibilidade poética, pode ter um enorme e inesgotável potencial semântico, quantos mais quando se é estudado pela ótica do modernismo.

Nesse artigo trabalhar-se-á com os teóricos Teixeira Coelho, com mais recorrência, Charles Baudelaire, Lúcia Santaella e Raimundo Matos, tendo o pensamento desses estudiosos como embasamento e respaldo para a análise da obra de Waly Salomão sob o prisma modernista. A utilização destes teóricos justifica-se pelo fato deles serem os que, com mais recorrência e propriedade, tratam nitidamente do tema. A obra literária escolhida para fazer correlação com as teorias da modernidade e pós-modernidade, o poema “?”, de Waly Salomão, foi escolhido para tal pelos seguintes motivos: para desconstruir a falsa ideia que, a princípio, se tem da sua “inexpressividade”, o que seria uma aberração para o campo da Semiótica; e pelo fato de o autor, o poeta Waly Salomão, ser um dos principais expoentes da literatura saído de Jequié e tendo uma importante participação na cultura literária do país no período moderno/pós-moderno. O poeta foi fundamental na efervescência do movimento tropicalia e da poesia livre moderna. E nada mais lógico do que estudar a modernidade com um poeta moderno, irreverente e a frente do seu tempo como foi Waly, durante seus 59 anos de vida e poesia.

Através da pesquisa bibliográfica feita sobre teóricos que estudam, produzem e publicam conhecimentos sobre os aspectos cronológicos, geográficos e sociais dos períodos aos quais se chamam de modernidade e pós-modernidade, das suas análises prospectivas sobre estes, do cruzamento dessas teorias e conceitos com a escrita literária do poeta e letrista Waly Salomão, aqui representada pelo poema “?” que pertence ao livro “Lábia” publicado em 1998. O núcleo do nosso trabalho será a análise literária e sociológica do poema, respaldada e refletida nos estudos teóricos dos pensadores previamente selecionados e, mais especificamente, dos conceitos e definições extraídos por meio da pesquisa bibliográfica das suas obras. A dialética presente entre Modernidade/Pós-Modernidade e obra literária, o Dialogismo entre os esses dois campos e a forma como se dá esse diálogo: a teoria identifica a arte e a arte comprova a teoria.

Com esse método, visa-se elaborar um artigo acadêmico que servirá para fins de enriquecimento dos estudos e pesquisas sobre a biografia e a obra do poeta modernista baiano Waly Salomão. Contribuir para a análise literária partindo do estudo do Moderno, Pós-Moderno e da Semiótica Visa-se também contribuir na construção do conhecimento por meio da área de estudo e pesquisa em Literatura e suas interfaces e da sua capacidade intrínseca de modificação da realidade por meio da reflexão.

### **Modernidade, Pós-Modernidade e a dificuldade de conceituação**

Não é tarefa fácil conceituar um período da história, bem menos quando se é uma época recente e multifacetada. A complexidade da Modernidade e da Pós-Modernidade e dos termos que as caracterizam, torna ainda mais longo e árduo o caminho a ser percorrido até se chegar à conceituação. Não correríamos esse risco de homogeneizar um período tão rico em características e expressões no espaço compacto de um conceito se não fosse pela necessidade imperativa e didática que a natureza do trabalho acadêmico impõe da presença de um conceito funcionando como um ponto de partida para o desenvolvimento da abordagem do mesmo, com a finalidade de que se alcancem os objetivos propostos. Para Charles Baudelaire, poeta e teórico da arte do século XIX, responsável pela criação do termo “modernidade” em francês, no ano de 1863, o conceito de modernidade traz a ideia do efêmero, do volátil, do movimento, da ação. Ela rompe com a tradição, com o passado, com o velho e com o fixismo em busca de um novo que, por sua vez, está pronto a se desmanchar, refazendo-se e perfazendo-se em novidades, instantaneamente e sem interrupção. No conceito de Philadelpho Menezes o moderno, no sentido de novo qualquer que seja ele implica ação e, nessa mesma linha de pensamento, Teixeira Coelho conceitua a modernidade como da seguinte maneira: “Por ser um processo de descoberta, a modernidade é uma ação”. Já a Pós-Modernidade, alguns teóricos acreditam que ela surgiu com o advento da pós-industrialização, voltada para a tecnologia e as suas muitas ferramentas, como a internet. Jair Ferreira dos Santos a conceitua como sendo “o nome aplicado às mudanças ocorridas nas ciências, nas artes e nas sociedades avançadas desde 1950, quando, por convenção, se encerra o modernismo”. Voltado para a face artístico-literária, Domício Proença Filho afirma que “várias manifestações artísticas dos últimos trinta anos permitem a caracterização do pós-modernismo em quanto estilo estético no Ocidente”. Teixeira Coelho a associa seu início ao final da Segunda Guerra Mundial que define o começo da era da TV. Há também alguns autores que não aceitam a ideia da Pós-

Modernidade, admitem apenas uma emergência de mudanças que traz a tona uma era diferenciada da Modernidade ao que chamam de “Modernidade radicalizada” ou “altamodernidade”. MATOS (1997) ressalta que é delicado o tratamento de algo que ainda está acontecendo e da situação do homem atual que não pode voltar-se para o passado que desapareceu e nem para o futuro que ainda não existe; há apenas o presente incerto e indefinido.

### 0 poeta irreverente da Contemporaneidade

Filho de um Sírio com uma jequieense, o jovem Waly logo cedo se enveredou pelo caminho da poesia e intelectualidade. Na década de 60 ele participou com muita influência da tropicália, movimento cultural que movimentou os meios artísticos nacional da época, ressaltando a importância da produção cultural genuinamente vernácula e se utilizando da arte para protestar contra as atrocidades da ditadura militar, regime de governo vigente na época. Surgiu em 1970 como autor da música “Vapor barato” e em 1971 lançou seu primeiro livro de poemas “Me segura que eu vou dar um troço”, sendo esta obra o marco inicial do surgimento e consagração de Waly no cenário poético nacional, onde figurou com sua poesia estética e semanticamente polifônica, subversiva e atraente, até a sua morte com 59 anos, no ano de 2003 exercendo a função de Secretário Nacional do Livro do Ministério da Cultura, quando o também tropicalista e baiano Gilberto Gil geriu a pasta. Uma de suas propostas, no exercício desse cargo, era a de incluir o livro na cesta básica dos brasileiros. Em sua trajetória o Sailormoon, marinheiro da lua, pseudônimo que usou por algum tempo, se destacou dos demais poetas pela sua irreverência e originalidade, compondo, seja letras de música, seja poemas, à revelia, a seu bel prazer, quando queria e como queria. Além de “Vapor Barato”, ele compôs grandes sucessos como “Mel”, “Talismã”, “Alteza”, “Assaltaram a Gramática”, entre outros. Fez parcerias com Caetano Veloso, Gal Costa, Maria Bethânia, Caetano Veloso, Gilberto Gil, Jards Macalé, Lulu Santos, Adriana Calcanhoto, Frejat, sendo, inclusive, o produtor de alguns destes. Amigo íntimo do artista plástico Hélio Oiticica, sobre o qual publicou a biografia “Hélio Oiticica: qual é o parangolé?”, em 1960, e do também poeta e letrista Torquato Neto, com o qual fundou a revista *Navilouca*, que só teve a primeira edição. As suas principais obras são: *Me Segura Qu'eu Vou Dar um Troço* (1972), *Gigolô de Bibelôs* (1983), *Armarinho de*

Miudezas (1993), Algaravias - câmara de ecos (1996), Lábia (1998), Tarifa de Embarque (2000), O Mel do Melhor (2001) e Pescados Vivos (2004, póstumo). Waly Salomão recebeu o Prêmio *Alphonsus Guimaraens*, da Biblioteca Nacional, em 1996, e o Prêmio Jabuti 1997 com “Algaravias - câmara de ecos” [poesia]; foi indicado para o Jabuti 1999, com “Lábia”; ganhou a Bolsa Vitae de arte - literatura 2002; indicado para o Prêmio Jabuti 2005, com “Pescados vivos” [poesia]. Segundo MATOS (2010) Waly “não cabe em nenhuma classificação [...] não está preso à cronologia, o tempo do relógio; vive, todavia, o kairós, um tempo permanente, que passa, perpassa, repassa e permanece; e é sempre presente” e Heloísa Buarque de Hollanda o resume da seguinte forma: “... músico, poeta e homem de sete fôlegos e instrumentos bastante importante no período pós tropicalista, promove uma intervenção, interessante e de impacto, na herança vanguardista e na tradição modernista” e o (in)define como “Excessivo, barroco, altissonante”. Já o jornalista Antonio Carlos Miguel o descreve da seguinte maneira:

Ele era hiperfalante, barroco e até verborrágico em muitos momentos. Mas não jogava conversa fora. Suas idéias, delirantes ou brilhantes, eram enriquecedoras. Encontrar ou conversar por telefone com o sempre esfuziante Waly era um imenso prazer, uma dádiva. Assim como em seus livros, ou nas muitas letras de canções, em seu papo fluente ele unia uma cultura diversificada e profunda com o prazer pela vida, de quem foi fundo em tudo, circulando do *grand monde* ao *bas fond*. Ele viveu o ideal de unir arte e vida, imerso tanto nos livros de sua biblioteca quanto no contato com o povo comum nas ruas, nas favelas...

Seus poemas oscilavam desde o formato de prosa a um simples ponto de interrogação no meio da página. E é esse “ponto de interrogação” no meio da página que será o nosso objeto de análise e onde nós vamos observar e identificar a presença de marcas da modernidade e da pós-modernidade amparados pela teoria de Teixeira Coelho e alguns outros pensadores já citados aqui.

**“Mas é apenas um ponto no meio da página!”**

Ao folhear o livro “Lábia” do poeta jequieense Waly Salomão, lançado em 1998 pela editora Rocco, o leitor leigo, ou até mesmo nem tão leigo assim, ao se deparar com o “poema” da página 53 deve considerá-lo como apenas um ponto de interrogação no meio da página. Ora, para quem não possui os recursos necessários que lhe atribua a capacidade de análise, de fato, a referida obra poética descontextualizada, será apenas uma

interrogação no meio da página. Para melhor compreensão, se faz necessário uma breve passagem pelo campo da Semiótica, ciência dos signos no domínio das linguagens não verbal e verbal, cujo fundador Charles Sanders Peirce, define o principal objeto estudo dela, o signo, da seguinte maneira: “Qualquer coisa que conduza alguma outra coisa (...) a referir-se a um objeto ao qual ele mesmo se refere (...) de modo idêntico, transformando-se o interpretante, por sua vez em signo, e assim, sucessivamente, *ad infinitum*”. Nos seus estudos da semiótica, Lúcia Santaella (1996, p.60) diz que: “refletir, o signo, necessariamente e sem escapatória possível também retrata essa realidade, isto é, ao refletir o signo transforma, transfigura e até certo ponto e numa certa medida, deforma aquilo que reflete” e afirma incisamente: “Tudo é signo”. Partindo por esse viés, qualquer elemento possível será um signo, portador e direcionador de um significado. Oras, sendo assim, como poderia alguém cogitar e, muito, menos afirmar que um ponto que indica dúvida, questionamento, busca pelo conhecimento não tem expressão e nem possibilidade de ser analisado?

Diante disso, depois de ratificar o poema de Waly como portador de expressividade, acabaremos com toda e qualquer incerteza quanto a pertença do nosso objeto de análise à modernidade com MATOS (1997) que amplia o primeiro conceito de Teixeira Coelho, afirma que a modernidade é uma ação reflexiva, crítica, e autocrítica; é a ação que reflete, interroga e cria dúvida. Pronto. Com apenas essa citação já se teria cumprido genericamente a missão a qual se propôs neste texto, mas é necessário o aprofundamento nas características específicas da Modernidade associando o poema (?) a elas.

### **A Dialética entre a Modernidade/Pós-Modernidade e o Poema “?”**

Já se tem ciência que a Modernidade é uma ação que, por sua vez, é reflexiva, interrogativa e dúbia, característica que imerge o poema originalmente no âmbito Modernista. Waly Salomão como um poeta polifônico, altissonante, polissêmico, arauto e interprete do mundo, traduz a liquidez do seu tempo usando apenas um sinal de pontuação e ratificando que o tempo moderno “é a tentativa de conhecimento” (Coelho APUD Matos) e implica “uma ruptura com a ordem estabelecida” já que uma pergunta ou questionamento

sempre separa uma estrutura ideológica entre o antes o depois dela. O conhecimento é gerado a partir das diversas perguntas, sejam elas retóricas ou não.

Além dessas definições, alguns traços podem ser considerados como caracterizadores da modernidade; A mobilidade, isto é, a ruptura com o estático e a apresentação do novo, como declara Teixeira Coelho; “Tudo está em movimento e tudo está em mutação. Tudo, sob todos os aspectos”. O questionamento, a dúvida, a reflexão não permite a natureza estática do pensamento, e o poeta baiano consegue através da representação de um signo, passar toda essa movimentação da era, onde o conhecimento muda e gira rapidamente. Tudo é muito rápido, tudo é incerto, tudo é dúvida, tudo é interrogação - ?. Pensar, duvidar é necessário para evitar o perigoso risco de ficar estático, à deriva no vácuo da falta de conhecimento. A Descontinuidade é outra característica da modernidade que acompanha a liquidez do tempo. Nada é eterno e tudo é passageiro e passível de ser descontinuado, brechado, voltado. Passado e repassado. O poema “?”, em um contexto poético, descontinua algo que estava sendo posto e exposto e volta-se para o mesmo requerendo um feedback, ou dentro das possibilidades do questionamento, o complementa e o amplia, acrescentado sempre algo mais. A autonomia e a metalinguagem são também estão presentes na obra do poeta que não seguia os cânones e nem prendia aos padrões estéticos pré-estabelecidos. A obra de Waly absorve, retrata e traduz tudo o que está acontecendo ao seu redor, redor mundial, onde tudo é relativo, passageiro, incerto e simultâneo, teorias diferentes dialogam, mas isso não vem a ser um empecilho porque o poeta é polifônico, é global é um cidadão do mundo e possui a autonomia pós-moderna que o respalda para lançar mão da metalinguagem que lhe dá subsídios para englobar e globalizar uma característica essencial do ser humano em um único signo no meio de uma página: o pensamento que é requisito básico para a reflexão e a capacidade de formulação de perguntas. É o que comprova a o que diz Hollanda: “Sua obra potencializa a fragmentação alegórica através de um inventario poliédrico de flashes, transcrição de jornais, de relatos policiais, de cópias aleatórias, plágios explícitos, sempre sinalizando uma ironia cortante sobre o poder e o saber” Mas ele, como exímio indivíduo moderno, nunca estava satisfeito com suas leituras, era necessário sempre mais e feitas com “olho-míssil”, é o que diz, auto-semiotizando-se:

O meu veículo, o meu ônibus, não tem ponto final. Como se nada nunca bastasse. Assim é que me caracterizo como se caracterizam os ônibus de trajetos *circulares*: terminais em aberto. (...) Então, estou sempre voraz

atrás de novas camadas de leituras, de interpretações do mundo, inconclusivas e inconcludentes, pois não há interpretação final do mundo. Estou sempre em movimento, buscando novas significações, novas florestas de sinais. Eu acho que é assim que o homem tem que ser

A presença das marcas modernas e o poema de Waly seguem dialogando e trocando as essências semântica e semioticamente. A dúvida é comum a todos os indivíduos e os iguala no mesmo nível de abstração, servindo também como um parâmetro para efetiva implementação de uma cidadania universal. Waly não concebia fronteiras, era multifacetado, experimentava de tudo e tudo absorvia em sua poética urbana. A partir do momento evidencia a dúvida e despreza a sua origem, natureza e implicações, ele destrói as fronteiras e limitações ideológicas do pensar trazendo a sua leitura e subjetividade moderna para a objetividade cosmopolita também moderna. Sem dúvida (ou com dúvida), Waly é um autor complexo que com sua obra vasta e diversificada, que bebe em todas as fontes possíveis do saber e desterritorializa o conhecimento através do pluralismo estético e ideológico. Para concluir, parcialmente, esta análise do poema “?” a luz do moderno/pós-moderno, identificamos a inclusividade, característica pós-moderna, como consequência e implicação conduzida pelo referente semântico do signo sinal de pontuação que expressa uma dúvida, pergunta, questionamento. Na dúvida, Waly deixa um mistério acerca do que o levou a compor esse poema: em quê pensava, qual era seu estado de espírito? Há uma gama de possibilidades que podem justificar ou explicar o motivo que levou o “amante da algazarra” a compor este poema, podendo ele significar uma dúvida efêmera e superficial do cotidiano que “foi parar” no papel, ou um grande questionamento retórico e universal da humanidade. Ou talvez o poema seja esse próprio mistério o que teleonomicamente o mantém.

### **0 Poeta-Cidadão do Mundo e a Fome de Leitura: À guisa de conclusão**

O poeta baiano não se enquadrava em nenhuma categoria, e para fugir do rótulo apela para metaliguagem. Semiótico, auto-semiótico e metalinguístico, polissêmico e polifônico, verborrágico e multifacetado, Waly desbrava os caminhos de uma poesia livre, chegando a ser chamado de “desparnasiano atroz”; Leyla Perrone-Moisés (In: SALOMÃO, W, 2004) assim sintetiza sua poesia:

A poesia de Waly é o fruto bem temperado daquela mistura que tornava o homem poeta tão cativante: ladrão de Bagdá e cozinheiro baiano, piadista de Jequié e “leitor luterano” de Drummond, profeta de desastres telúricos e cidadão solitário, atento às pequenas misérias do cotidiano brasileiro. E, sobretudo poeta.

Por ora, e por motivos didático-acadêmicos, finalizamos essa discussão que, é bom ressaltar, é inesgotável frente à riqueza que foi e continua sendo o poeta inclassificável Waly Salomão. Morreu desejando que se efetivasse sua proposta de baratear o custo do livro nas editoras, para alimentar a fome de leitura do povo, acrescentando livros em suas cestas básicas. Certa vez afirmou em entrevista a pesquisadora, aqui já citada, Heloisa Buarque de Hollanda: “Sinto-me muito mais próximo da frase de Shakespeare: ‘Somos feitos do mesmo material de que são feitos os sonhos’”. E, com isso, e talvez por isso, o jornalista e escritor Paulo Roberto Pires escreveu:

Sem ele, a bobagem que se chama vida literária fica mais pobre e menos divertida. Nele se uniam as duas virtudes que mais admiro e invejo num artista: a erudição, que o faz consistente, e o humor, que o vacina contra a pompa. (...) Dionisíaco na vida, era apolíneo nas idéias.

O expoente baiano não se prendeu aos cânones da Literatura, absorveu e se tornou a própria personificação do moderno, do pós-moderno, do pós, do pré, do des-, ou seja, se tornou um representante exímio da época contemporânea, veloz, volátil, às vezes circular, às vezes linear, mas nunca parado, sempre em movimento, sempre ágil, sempre moderno, sempre pós... Sempre, sempre. “Não cultivei e nem cultivo a palidez ativa...” (SALOMÃO, 2000, p.30), dizia ele, e se definia como míssil, não um fóssil (apud PERRONE-MOISÉS, 2004), pois possuía uma “aderência absoluta ao instantâneo” (SALOMÃO, 2000, p. 53) e arrematava incisamente: “quem fala de mim tem paixão” (SALOMÃO, 2008, p.11).

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COELHO, Teixeira. *Moderno pós moderno: modos e versões*. 3. ed. Rio de Janeiro: Iluminuras.

HOLLANDA, Heloisa Buarque de. A poesia no poder. Entrevista de Waly Salomão concedida no ano de 2003 ao *Jornal de Poesia*. Disponível em: <<http://walysalomao.com.br/?p=63>>. Acesso em: 15 fev. 2010.

MATOS, Raimundo Lopes. *Modernidade e pós-modernidade em Vicente Huidobro poema Martin*. 1997. 130p. Tese (Doutorado) -Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Escola de Comunicação e Artes, 1997.

MATOS, Raimundo Lopes. *Dialogismo poético entre Gregório de Matos e Waly Salomão: linguagens e estilos Barroco e Neobarroco*. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DO NÚCLEO DE ESTUDOS DAS AMÉRICAS: SISTEMAS DE PODER – PLURICULTURALIDADE – INTEGRAÇÃO, 2, 2010, Rio de Janeiro. *Anais*. Rio de Janeiro: Eduerj, 2010. p. 1-15. CD-ROM.

MATOS, Raimundo Lopes. *Poética Modernista Brasileira: um contexto moderno/pós-moderno*. In: LEMOS, Maria Teresa Toríbio Brittes(Org.). *América Latina em Construção. Sociedade e Cultura –séc. XXI*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2006. p.120-139.

MATOS, Raimundo Lopes. *Pós-modernidade: o sólido se desmancha/ O eterno é provisório/ O futuro é presente*. In: LEMOS, Maria Teresa Toríbio Brittes(Org.). *América Latina: identidades em construção- das sociedades tradicionais à globalização*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2008. p.83-97.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. [Orelha]. In: SALOMÃO, Waly. *Pescados vivos*. Rio de Janeiro: Rocco, 2004.

SALOMÃO, Waly. *Tarifa de embarque*. Rio de Janeiro: Rocco. 2000

SALOMÃO, Waly. *Gigolô de bibelôs*. Rio de Janeiro: Rocco, 2008.

SALOMÃO, Waly. *Lábia*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.